
NOTAS SOBRE A RELAÇÃO ENTRE CORPO, TRABALHO E FORMAÇÃO HUMANA A
PARTIR DA ONTOLOGIA DO SER SOCIAL

NOTAS SOBRE LA RELACIÓN ENTRE EL CUERPO, TRABAJO Y FORMACIÓN HUMANA
A PARTIR DE LA ONTOLOGÍA DEL SER SOCIAL

NOTES ON THE RELATIONSHIP BETWEEN BODY, WORK, AND HUMAN FORMATION
FROM THE ONTOLOGY OF SOCIAL BEING

Hugo Leonardo Fonseca da Silva¹

Resumo: Este artigo tem o objetivo de refletir sobre como a organização corporal humana sintetiza numerosas determinações que expressam a dinâmica contraditória entre humanização e alienação. Por meio do método ontológico-genético identifico e analiso como a organização corporal e a corporalidade humanas expressam mediações no processo de formação do indivíduo mediante a dialética entre objetividade e subjetividade constituída pelos elementos naturais condicionados às determinações sócio-históricas. O estudo aponta a necessidade de compreender a trajetória histórica da formação corporal humana no interior do processo de humanização da natureza por meio do trabalho, cujas expressões tendem constituir modos de educação em que o indivíduo estabelece uma relação consciente com o gênero humano mediado pela cultura corporal.

Palavras-chave: corpo; trabalho; formação humana.

Resumen: El artículo reflexiona acerca de la organización corporal como una síntesis de determinaciones que expresa la contradicción entre la humanización y la alienación. A través del método ontológico-genético, buscamos identificar y analizar las formas en que la corporalidad humana expresa las mediaciones en el proceso de formación de lo individuo por medio de la dialéctica entre objetividad y subjetividad hecho por elementos naturales condicionados a las determinaciones sociohistóricas. El estudio señala la necesidad de comprender la trayectoria histórica de formación corporal en el proceso de humanización de la naturaleza mediante el trabajo, cuyas expresiones tienden a ser modos de educación en la que el individuo establece una relación consciente con la genericidad humana mediada por la cultura del cuerpo.

Palabras clave: cuerpo; trabajo; formación humana.

Abstract: This paper aims to reflect on how the human body organization is characterized as a synthesis of determinations which expresses, in the current conditions of social reproduction, the contradictory dynamic between humanization and alienation. Through the ontological-genetic method, it is aimed to identify and analyse the ways in which the body organization and human corporeality express complex mediators in the individual formation process in the face of the dialectical tension between objectivity and subjectivity constituted by the natural elements conditioned to the socio-historical and cultural determinations. The study points out the need to understand to what extent the historical trajectory of human body formation consolidated a process of humanization of the nature through work.

Keywords: body; work; human formation.

Introdução

No presente trabalho procuro apresentar notas de investigação a respeito da relação entre corpo, trabalho e formação humana, centrando a análise em algumas das chaves analíticas presentes na ontologia marxiana. Trata-se, inicialmente, de um problema para a reflexão, porque o lugar indeterminado do corpo no processo de gênese do ser social (formação humana) caracteriza-se pelo modo como a relação entre homem e natureza comparece nas representações imediatas presentes na vida cotidiana – e mesmo no pensamento científico sistematizado – como uma antinomia.

Como “não podemos obter um conhecimento imediato e preciso dessa transformação do ser orgânico em ser social” (LUKÁCS, 2013, p. 47) e, portanto, da passagem do “corpo natural” à corporalidade que se manifesta como unidade entre corpo e mente na *práxis*, faz-se necessário recorrer ao percurso *ontológico-genético* como *método*. Por meio de uma abordagem ontológico-genética, busca-se “identificar as transições capilares de um nível ontológico mais simples a um nível ontológico mais complexo, fixando com precisão as ligações intermediárias” (TERTULIAN, 2009, p. 383), procurando elucidar essas transições como saltos que só podem “ser esclarecidos conceitualmente, em última instância, através do experimento ideal” (LUKÁCS, *ibidem*) das chamadas abstrações razoáveis.

Parto do pressuposto de que na tradição teórica marxista estão presentes os delineamentos de uma concepção histórico-social da corporalidade humana. Há nos textos de Marx, tanto em sua obra amadurecida como nos denominados escritos de juventude, elementos essenciais à compreensão do processo de formação histórica da corporalidade humana.

No livro d'O *Capital* Marx (1988), ao analisar o processo de trabalho, observa que os homens põem as forças pertencentes à sua *corporalidade*² para efetivar o intercâmbio com a natureza colocando em ação a produção e reprodução do ser social. Nos manuscritos de Paris, Marx (1989) analisa de que modo a sensibilidade humana é produto das objetivações resultantes do trabalho, analisando o fato de que a alienação do trabalho significa também a alienação da *sensibilidade humana*. Em *A ideologia alemã*, Marx e Engels (1999) analisam o processo de produção da história como ato consciente dos homens e observam que a atividade que põe em movimento esse processo se torna possível por meio de uma *organização corporal* que permita a realização da atividade vital não como adaptação às condições naturais pré-existentes, mas como transformação ativa e criação do novo por meio da ação transformadora, isto é, por meio da *práxis*.

Engels (2004), partindo das premissas do materialismo histórico, encontra na atividade do trabalho a chave de compreensão da transformação das espécies hominídeas em gênero humano. Observa, para isto, como o trabalho modifica e é modificado pelas ações manuais postas em ação para alterar a natureza de acordo com as necessidades socialmente elaboradas. Já Lukács (2007), apresenta as bases ontológicas da atividade e do pensamento do homem, a partir das mediações, permanências e rupturas entre as esferas do ser, indicando as determinações existentes entre a esfera da vida e a esfera do ser social, ponto de intercessão

necessária à compreensão objetiva da relação entre o biológico e o cultural (questão pouco explorada na compreensão materialista e histórica da corporalidade humana).

Portanto, no diálogo entre os pressupostos lógicos e históricos presentes, sobretudo, em obras de Marx e Engels e de Lukács, analiso elementos inerentes à relação entre trabalho, corpo e formação humana para apontar traços fundamentais para uma teoria histórico-social da corporalidade humana fundada na ontologia marxiana.

Trabalho, corpo e método

De acordo com Herold Júnior (2009a; 2009b) poucos são os estudos no campo do marxismo que tomam o corpo como objeto, fato esse ocasionado, ora pelo posicionamento político e ideológico ante as matrizes irracionistas que se debruçam exaustivamente sobre essa temática, ora pelos escrutínios de uma interpretação mecanicista e fechada da obra de Marx. Concordando com esse autor, entendo que a obra de Marx, Engels e de pensadores da tradição marxista apresentam delineamentos importantes para uma compreensão materialidade corpórea humana, o que aponta para uma agenda aberta de investigações.

São elucidativas as diversas passagens das obras desses autores que apresentam certa preocupação a respeito do corpo humano na dinâmica contraditória de humanização e alienação posta na realidade concreta do sistema do capital. Não é sem razão que, quando trata da educação da classe trabalhadora, Marx associa ao ensino intelectual e à instrução tecnológica a educação corporal como elemento constitutivo de uma concepção de educação que avance para uma formação omnilateral. (cf. MARX, 1983; MANACORDA, 1991).

Compreender a questão do corpo no processo de formação humana exige o estabelecimento da correta compreensão da unidade contraditória entre corpo e mente, trabalho intelectual e trabalho manual e indivíduo e gênero humano. Isto significa uma abordagem que apreenda a materialidade presente naquele processo por intermédio da esfera que coloca em ação o processo de humanização, isto é, o trabalho. Para tanto, a caracterização dos elementos fundamentais ao método da economia política, conforme elaborado por Marx e Engels, e dos seus desdobramentos categoriais³, observa como pressuposto metodológico e ontológico a existência de indivíduos reais que, por meio de sua ação objetiva, cria as condições materiais de existência e toda a sua superestrutura jurídica, política, científica, moral, portanto, ideológica, pela qual os diferentes sujeitos tomam consciência dos conflitos e contradições que constituem a dinâmica da reprodução social.

Além da premissa histórica da existência de indivíduos humanos concretos – que por meio da atividade consciente (trabalho) transforma a natureza de acordo com as suas necessidades e produz os meios necessários à reprodução da vida material, transformando a si mesmo e criando o mundo dos homens a partir do metabolismo social com a natureza –, as categorias de modo de produção da vida material, da totalidade e

da contradição inerente à dinâmica conflituosa entre o avanço das forças produtivas, as relações sociais de produção e as lutas de classes, isto é, o complexo de determinações postas entre o trabalho e o conjunto da práxis humano-social categorizada por Lukács (2013) como reprodução social, compõem as formas de existência do ser social e também as formas particulares de existência. Tal complexo categorial – associado a outras determinações e formas de ser presentes nas análises marxianas – é necessário à compreensão da problemática relacionada às mediações presentes na relação entre corpo e formação humana sob uma compreensão histórico-concreta.

A corporalidade humana aparente: cotidiano e ideologia

A exarcebação do interesse social contemporâneo pela questão do corpo explicita um conjunto de processos que procuram evidenciá-lo, tornando o corpo e a corporalidade objeto de estudos e investigação das diferentes disciplinas científicas e distintas matrizes filosóficas, bem como de exploração midiática e mercantil. A questão do corpo toma uma tal dimensão que, no atual estágio das relações sociais, as problemáticas, necessidades, valorações e expressões fetichizadas da experiência corporal fazem parte da reprodução da vida cotidiana das diferentes classes sociais, conforme observação de Herold Júnior (2009a).

No que diz respeito às mediações da questão do corpo na vida cotidiana, percebe-se a sua vinculação às formas alienadas e alienantes de reprodução da atividade humana sob a égide das mediações sóciometabólicas de segunda ordem, isto é, a subsunção do trabalho ao capital, tomando a práxis corporal como eixo de relações fetichizada, seja por meio do consumo supérfluo em torno de padrões estéticos arquitetados pelos “oligopólios da beleza”⁴, seja pela regressão dos sentidos humanos face à negação da apropriação da riqueza humana universal imposta pelo processo de extração de mais trabalho próprios à sociabilidade do sistema do capital.

Quanto à crítica à regressão dos sentidos humanos, Marx (1989, p. 199) discute o processo histórico de formação dos cinco sentidos, analisando o processo de sua degradação sob as determinações da alienação do trabalho:

O sentido aprisionado sob a grosseira necessidade prática possui unicamente um significado restrito. Para o homem que morre de fome, não existe a forma humana do alimento, mas só o seu carácter abstracto como alimento; poderia igualmente existir na sua forma mais crua e é impossível dizer em que medida esta actividade alimentar se distinguiria da actividade alimentar animal. O homem esmagado pelas preocupações, necessitado, não tem qualquer sentido para o mais belo espectáculo; o negociante de minerais vê apenas o seu valor comercial, e não a beleza característica do mineral; encontra-se desprovido de sentido mineralógico.

Nota-se que mesmo os sentidos humanos são produtos da atividade humana, objetivações que se materializam em forças essenciais humanas. Diferentemente das concepções que naturalizam o corpo e os sentidos humanos, uma concepção histórico-social apreende estes em seu devir histórico como resultado dos processos de apropriação dos produtos da objetivação das gerações anteriores e de novas objetivações.

Só numa compreensão histórico-concreta da formação do corpo humano é possível compreender, por exemplo, os avanços conseguidos na extensão das capacidades físicas e cognitivas humanas por meio da produção científico-tecnológica ou do enriquecimento dos sentidos em função da formação estética propiciada pela produção e usufruto da obra de arte. E, na contradição de tal enriquecimento, o sofrimento e a dor sentida pelos trabalhadores (em seu ineliminável nexo psicofísico) em função das longas e intensas jornadas de trabalho ou o embotamento dos sentidos pela experiência depauperada pela não apropriação da riqueza humana ou pela apreensão da mercadoria metamorfoseada em cultura.

As formas concretas de alienação da questão do corpo também se expressam nas formas ideológicas pelas quais os homens tomam consciência da realidade, dentre as quais destacam-se as ciências. De acordo com Herold Júnior (2009a, 2009b) a forte presença da questão do corpo na produção acadêmica contemporânea, assim como na reprodução da vida cotidiana, faz parte do caldo cultural inerente à chamada ideologia pós-moderna, caracterizada como lógica cultural do capitalismo tardio.

No que diz respeito à produção acadêmica, tais estudos centram-se, sobretudo, no elogio da singularidade, na experiência sensível, na compreensão do indivíduo isolado, no narcisismo exarcebado e na crítica às denominadas metanarrativas. A ideologia pós-moderna postula a crítica e negação da assim chamada racionalidade moderna, julgada como responsável pelo processo de regressão da existência humana, e coloca como seu oposto o império do sensível, da experiência imediata dos sentidos corporais que, sem o falseamento da razão atribuída, possibilitaria uma experiência autêntica.

As influências do pensamento pós-moderno são sentidas em todas as esferas da vida sociocultural (cf. HARVEY, 1993), dada a sua adequação ao estágio atual da sociabilidade capitalista fundada no processo de reprodução e acumulação de valor em condições históricas de crise estrutural do capital. Tal lógica reacende o individualismo escamoteado na defesa, aparentemente progressista, das diferenças e nega toda a possibilidade de conhecimento e transformação do real, pondo em troca uma lógica discursiva e simbólica de caráter subjetivista⁵.

Os constrangimentos sobre os corpos, ou as formas sociais de domínio que expressam o sofrimento contemporâneo, são interpretados por tais vertentes como textos/discursos que produzem o próprio modo de ser do corpo. Nesse quadro, abrem-se as possibilidades para a educação do corpo e não dos indivíduos sociais. As produções acadêmicas que se debruçam sobre o corpo acabam por dar a este “a conotação de algo abstraído do real, pairando sobre as relações concretas da vida historicamente situadas, como se o “ser humano” tivesse um corpo.” (TAFFAREL e ESCOBAR, 2009, s/p).

As teorias idealistas que sustentam essa forma de interpretar a materialidade corpórea e as manifestações concretas das objetivações humanas imanentes à corporalidade reproduzem as formas ideológicas de representação de velhos dualismos tais como: corpo x mente; subjetividade x objetividade; estrutura x sujeito; trabalho manual x trabalho intelectual etc.

As apropriações irracionalistas das concepções e elaborações sobre as objetivações humanas manifestas no e pelo corpo se propõe superar as concepções naturalizantes e biologicistas do corpo, mas acabam por indicar um outro extremo, também subjetivista. A compreensão positivista de homem (presente na quase totalidade concepções de educação e de teorias pedagógicas tradicionais, tecnicistas e, mesmo, construtivista) analisa o homem a partir de uma concepção de natureza humana que se realiza pela soma das partes. Desse modo, caberia aos processos educativos reunir as “partes” dos indivíduos por meio da soma da educação intelectual, emocional/afetiva e corporal.

A concepção de corpo associada a uma compreensão de natureza humana como algo pré-determinado por leis naturais eternas e necessárias define como eixo da organização corporal e da corporalidade categorias de análise fundadas na legalidade biogenética. Exemplo disso é a afirmação de Fonseca (1988) de que a ontogênese do desenvolvimento da motricidade humana (aquilo que o autor vai denominar de movimento conciente) reproduz a filogênese. Nesse sentido, o desenvolvimento da corporalidade humana e das objetivações sócio-culturais nela implicada seria parte do desenvolvimento normal do ser humano, a partir de uma lógica naturalizante dessa dimensão do ser social.

É importante demarcar que o processo de formação do indivíduo pertencente ao gênero humano não coincide com o processo de desenvolvimento do indivíduo da espécie. Conforme analisa Duarte (1999), há uma diferença ontológica entre o gênero humano e a espécie humana. Enquanto esta última é determinada pelas leis biogenéticas do desenvolvimento, sobretudo pelos mecanismos de seleção natural e de herança genética, o gênero humano resulta de leis sócio-históricas, isto é, se auto-produz pela dinâmica contraditória da apropriação das objetivações acumuladas pelas gerações anteriores e se objetiva na realidade social.

Nesse sentido, há uma relação de ruptura ontológica entre o ser orgânico e o ser social em que, conforme análise de Lukács (2007; 2013), os elementos predominantes que caracterizam o modo de ser dos homens não é determinado pelas leis naturais e pela condição biológica, muito embora essa seja uma condição ineliminável da existência. O processo de generalização da sociabilidade desencadeado pelo trabalho estabelece um permanente “reco das barreiras naturais” (LUKÁCS, 2013) e, conseqüentemente, um processo de humanização da natureza externa e interna ao ser social (MARX, 1989).

Para uma ontologia da corporalidade humana

De acordo com Lukács (2007), para que as condições necessárias à realização do trabalho (a atividade consciente humana) como uma base estruturante de um novo ser, isto é, como protoforma do ser social se efetive, é indispensável um determinado grau de desenvolvimento do processo orgânico de reprodução. O desenvolvimento do processo orgânico de reprodução exige, por sua vez, uma determinada organização corporal adquirida por um longo processo de seleção natural e de aquisição genética, mas

sobretudo pelo processo histórico-social de modificação da corporalidade humana (ENGELS, 2004; MARX e ENGELS, 1999).

Assim, como as estruturas do sistema nervoso se formam em decorrência das atividades realizadas pelos indivíduos, o conjunto da organização corporal se desenvolve, na sua totalidade, em função do trabalho e de suas objetivações ao longo da história como faz perceber Engels (2004). Portanto, entender o corpo pelas mediações da ontologia do ser social significa superar as compreensões subjetivistas sobre a corporalidade humana (seja ela de matriz positivista ou de orientação pós-moderna), o que exige a compreensão da unidade contraditória entre natureza e cultura.

Herold Júnior (2009a) reafirma como a questão do corpo se caracteriza como um importante objeto de discussão na obra de Marx, ao analisar categorias como organização corporal, corpo orgânico e corpo inorgânico, raízes corporais, necessidade, liberdade etc. Tais categorias se configuram como expressões das incidências de reflexões de Marx a respeito da materialidade corpórea no processo de produção da vida. A compreensão, na obra marxiana, da materialidade corpórea observa a unidade dos contrários entre natureza e produção sócio-cultural como elemento constitutivo do ser social, criticando assim, tanto as concepções naturalistas de corpo como as acepções fundadas num sociologismo.

O corpo, em sua materialidade, se configura como produto da história e como fonte da história, pois, a organização corporal se caracteriza como elemento necessário à realização daquilo que Duarte (1999), baseado em Marx, vai denominar de “ato de nascimento que se supera”. Nas potencialidades do corpo orgânico estão dadas as condições naturais para a realização do trabalho, que, por sua vez, conforma a corporalidade à novas condições e necessidades. Convém ressaltar que nas necessidades e nos limites do corpo estão materializadas elementos necessários à compreensão do processo de produção da história.

Tal concepção de organização corporal como pressuposto e resultado da história, por meio do trabalho está contida na seguinte reflexão de Engels (2004, p. 24): “Graças à cooperação da mão, dos órgãos da linguagem e do cérebro, não só em cada indivíduo, mas também na sociedade, os homens foram aprendendo a executar operações cada vez mais complexas, a se propor e alcançar objetivos cada vez mais elevados.” É nesse sentido que Lukács (2007) vai caracterizar o trabalho como protoforma do ser social e como modelo de toda *práxis* ulterior.

Aqui destaca-se uma hipótese importante. A de que a formação da corporalidade humana é pressuposto e resultado do trabalho. Conforme essa compreensão, entende-se que na dinâmica de humanização, isto é, no processo de formação humana, a relação entre apropriação e objetivação, que expressa a dinâmica do trabalho (DUARTE, 1999), determina e é determinada pela conformação do corpo. Nesse sentido, o corpo unido à categoria do trabalho são elementos indissociáveis do movimento histórico e contraditório de humanização.

O elemento fundante da formação histórica do ser humano se expressa pela dinâmica viva do trabalho – trabalho vivo, produtor de valor de uso, conforme Marx (1988). Para tanto, a atividade vital dos

homens se difere da atividade vital das demais espécies existentes. Essa condição define que “... a característica central dessa atividade vital humana reside justamente na relação entre os processos de objetivação e apropriação e que essa relação é geradora do processo histórico de formação do gênero humano.” (DUARTE, 1999, p.27)

Conforme se depreende a partir das afirmativas acima elaboradas, a atividade vital humana não apenas assegura a existência física e imediata dos indivíduos como também gera o movimento da reprodução das características fundamentais do gênero humano. Entretanto, conforme observa Marx (1988) a respeito do duplo caráter do trabalho, a realização da atividade vital humana sob as determinações e condicionantes de uma formação histórico-social alienante e alienada, fundada em relações de dominação e na reprodução do valor de troca, torna-se um meio de reprodução da existência mais imediata e empobrecida (égide do trabalho assalariado).

Mas, em que pese o caráter alienado e desumanizador que assume o trabalho sob a égide da formação societária do capital, este se configura como fator ineliminável da produção e reprodução do ser social. Os homens, frente à necessidade de reproduzir os meios materiais de existência modifica a natureza conforme seus objetivos, finalidades e intenções. Ao processar o sociometabolismo com a natureza, humaniza essa e se modifica no mesmo ato. O resultado desse processo não é a extração imediata dos víveres necessários à vida, mas a criação de instrumentos, de meios de produção que passam a estabelecer mediações cada vez mais complexificadas entre homem e natureza.

O homem, ao produzir os meios para a satisfação de suas necessidades básicas de existência, ao produzir uma realidade humanizada pela sua atividade, humaniza a si próprio, na medida em que a transformação objetiva requer dele uma transformação subjetiva. Cria, portanto, uma realidade humanizada tanto objetiva, quanto subjetivamente. Ao se apropriar da natureza, transformando-a para satisfazer suas necessidades, objetiva-se nessa transformação. Por sua vez, essa atividade humana objetivada passa a ser ela também objeto de apropriação pelo homem, isto é, ele deve se apropriar daquilo que de humano ele criou. Tal apropriação gera nele necessidades humanas de novo tipo, que exigem nova atividade, num processo sem fim. No meu entender, esse é o significado da expressão “uma ato de nascimento que se supera”. (DUARTE, 1999, p. 31-2)

Se o trabalho gera, de modo contraditório, o processo de humanização, pensar o corpo e a corporalidade como elementos constitutivos da dinâmica de formação humana exige a articulação desses elementos da realidade. E, do ponto de vista da necessidade de se compreender os elementos mediadores da formação humana, “trata-se de acompanhar o processo, ao mesmo tempo social e natural, de conformação corporal e intelectual do **homo sapiens**, encetando as condições que propiciaram a humanização histórica do trabalho e do próprio homem.” (HEROLD JÚNIOR, 2009a, p. 215)

Portanto, se a morfologia do corpo humano expressa, de modo imediato, características transmitidas biologicamente, numa concepção histórico-social de corpo não seriam esses os elementos que permeariam uma compreensão concreta da prática corporal humana. Mesmo a anatomia humana é modificada pelas objetivações culturais acumuladas ao longo da história, como é notável no adorno do corpo, na pintura de

cabelos, nas técnicas utilizadas para hipertrofia muscular ou mesmo pelas atividades tidas como naturais, como a alimentação e a sexualidade, cada vez mais caracterizadas por mediações sociais que a elas dão sentido e significado. Conforme assinala Marx (2003, p. 254), “a anatomia do homem é a chave da anatomia do macaco.” Portanto, não seria nas formas inferiores (que apenas denunciam a existência de formas superiores) que se encontram as explicações da formação corporal humana como parte constitutiva do processo de humanização, mas sim nas formas superiores de organização corporal e da corporalidade como síntese de determinações educativas, ideológicas, políticas, econômicas, culturais e sociais.

As reflexões desenvolvidas até aqui apontam para a necessidade de se compreender em que medida a trajetória histórica da formação corporal humana consolidou um processo de humanização da natureza por meio do trabalho, cujas expressões tendem constituir modos de educação em que o indivíduo estabeleça uma relação consciente com o gênero humano, tendo como elementos de mediação as objetivações humanas caracterizadas pela cultura corporal.

Pode-se observar que há um vínculo imanente entre processo de humanização, formação corporal e o trabalho. No entanto, são as formas exteriorizadas de atividades corporais que, ao assumir uma função social no conjunto complexo de relações sociais objetivadas pelo sociometabolismo entre homens e natureza e pelo encadeamento de determinações da reprodução social, se configuram como mediadores fundamentais do processo de formação humana. Esse conjunto de objetivações, denominadas aqui provisoriamente de cultura corporal, se configuram como elementos constitutivos da dinâmica contraditória entre humanização e alienação das atuais circunstâncias históricas. (COLETIVO DE AUTORES, 1992; TAFFAREL e ESCOBAR, 2009).

A cultura corporal constitui-se como uma particularidade do complexo cultural produzido pela atividade criadora humana (o trabalho) para atender a determinadas necessidades humanas de conteúdo sócio-histórico – tais como os agonísticos, os lúdicos, os sagrados, os produtivos, éticos, estéticos, performativos, artísticos, educativos e de saúde – e é instituído como área de conhecimento importante no processo de formação humana, passível de ser traduzida como conhecimento necessário à formação dos indivíduos.

As objetivações da cultura corporal se caracterizam como o acervo de saberes, habilidades, valores e formas comunicativas que compõe o complexo cultural manifestado pelas atividades corporais historicamente categorizadas como: jogos, esportes, danças, ginástica, lutas, capoeira, malabares, mímica entre outros. Tal acervo se manifesta como objetivações culturais que expressam a dinâmica da relação entre trabalho, linguagem e poder, apresentando significados e sentidos que o movimento corporal assume na produção social humana. O conjunto conhecimentos que compõem a cultura corporal é permeado pelas múltiplas determinações que condicionam a vida dos indivíduos, tais como: os costumes e hábitos de uma região; a tradição histórico-cultural; a influência dos meios de comunicação; os condicionantes econômicos, políticos, sociais e culturais; os valores presentes na sociabilidade humana; etc.

Entendo que tais objetivações, associadas ao conteúdo do processo histórico de formação do corpo humano exige, em tempos de irracionalismo, investigação das categorias fundamentais de uma compreensão histórico-cultural da corporalidade presente na dinâmica da formação do indivíduo. Tal apontamento parte da problematização do professor Newton Duarte (1999, p. 132), quando afirma que:

Uma das grandes tarefas a serem realizadas no processo de construção de uma teoria da formação do indivíduo consiste, no meu entender, na análise das características comuns e das especificidades das relações entre os indivíduos e cada tipo de objetivação genérica. Esse tipo de análise pode gerar grandes contribuições tanto para a teoria educacional quanto para as pesquisas empíricas e para a atividade pedagógica.

As problematizações e reflexões aqui realizadas se articulam à proposição de contribuir com a tarefa de analisar as esferas das objetivações humanas no âmbito da corporalidade e da cultura corporal como momentos fundamentais para a teoria e prática da formação do indivíduo como ser social.

Referências

- COLETIVO DE AUTORES. *Metodologia do ensino de educação física*. São Paulo: Cortez, 1992.
- DUARTE, Newton. *A individualidade para-si: contribuição a uma teoria histórico-social da formação do indivíduo*. 2ª ed. Campinas: Autores associados, 1999.
- ENGELS, Friedrich. Sobre o papel do trabalho na transformação do macaco em homem. In: ANTUNES, R. (org) *A dialética do trabalho*. São Paulo: Expressão popular, p. 13-34, 2004.
- FONSECA, Victor. da. *Da filogênese à ontogênese da motricidade*. Porto Alegre: Artes Médicas, 1988.
- HEROLD JUNIOR, Carlos. Corpo, educação e hominização: possibilidades de análise a partir do materialismo histórico. *Educere et Educare*, v. 4, p. 1-22, 2009a.
- HEROLD JUNIOR, Carlos. Estudos sobre o corpo para além da apologia e da negação: contraposição crítica ao pós-modernismo. *Educar em Revista*, v. 33, p. 221-234, 2009b.
- HARVEY, David. *A condição pós-moderna*. São Paulo: Loyola, 1993.
- LUKÁCS, György. O trabalho. In: _____. *Para uma ontologia do ser social*, 2ª ed. São Paulo: Boitempo, 2013. (e-pub)
- LUKÁCS, György. *O jovem Marx e outros escritos*. Rio de Janeiro: EDUFRJ, 2007.
- MANACORDA, Mario Alighieri. *Marx e a pedagogia moderna*. São Paulo: Cortez: Campinas, Autores associados, 1991.
- MARX, Karl. *Contribuição à crítica da economia política*. 3ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2003.
- MARX, Karl. *O capital: crítica da economia política*. v.1, 3ªed. São Paulo: Nova cultural, 1988.
- MARX, Karl. *Manuscritos econômico-filosóficos*. Lisboa: Edições 70, 1989.
- MARX, Karl. Instruções para os delegados do conselho geral provisório: as diferentes questões. In: MARX, K.; ENGELS, F. *Obras Escolhidas*. Lisboa: Edições Avante, p.79-88, 1983.
- MARX, Karl; ENGELS, Friedrich. *Ideologia alemã*. 11ª ed. São Paulo: Hucitech, 1999.
- TAFFAREL, Celi; ESCOBAR, Micheli. Cultura corporal e os dualismos necessários à ordem do capital. *Boletim Germinal*. N. 09, 2009. Disponível em: <http://www.uel.br/revistas/germinal/n9-112009.htm>.

TERTULIAN, Nicolas. Sobre o método ontológico-genético em Filosofia. *Perspectiva*, Florianópolis, v. 27, n. 2, p. 375-408, out. 2010. ISSN 2175-795X. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/perspectiva/article/view/2175-795X.2009v27n2p375>>. Acesso em: 15 out. 2015.

Notas:

- ¹ Mestrado em Educação pela Universidade Federal de Goiás em 2006. É especialista em Educação Infantil pela Universidade Federal de Goiás (2004) e graduado em Licenciatura em Educação Física pela Universidade Federal de Goiás (2002). Atualmente é Professor Assistente da Faculdade de Educação Física da UFG. Email: hgleofs@gmail.com
- ² Aqui, tomo a noção de corporalidade da tradução de *O Capital* de Marx feita por Régis Barbosa e Flávio Kothe (MARX, 1988). Côncio de que esse não é um tema sobre o qual Marx se debruça em sua extensa obra, entendo que na categoria da práxis, se encontra o cerne de uma compreensão da realidade corpórea humana.
- ³ As categorias são, para Marx, formas do ser, isto é, determinações da existência, elaboradas a partir da unidade contraditória entre o lógico e o histórico. Em “Para a crítica da economia política” Marx dispõe o significado das categorias de análise como a possibilidade de elevar o objeto à condição de concreto pensado, totalidade do pensamento, síntese de múltiplas determinações. Sobre as categorias Marx (2003, p. 255) assim se expressa: “[...]as categorias exprimem portanto formas de existência, condições de existência determinadas [...]”.
- ⁴ A expressão “oligopólio da beleza” sugere o investimento do capital em uma indústria expansiva em torno do fetiche da boa forma e da saúde. Configura-se como um oligopólio pois reúne uma gama de produtos unificados em torno de empresas, *holdings* e trustes que exploram nichos que vão desde roupas e adereços para a prática de exercícios físicos até alimentos e aditivos nutricionais, de aparelhos de ginástica até serviços vinculados à prática de exercícios e aos cuidados e técnicas de embelezamento, de cirurgias plásticas até o investimento no aparato midiático.
- ⁵ Embora não seja possível deixar de tomar nota a respeito das influências das correntes pós-modernas no debate a respeito do corpo, este texto não tem o objetivo de polemizar com os autores que fundamentam-se nesta agenda. Em suas reflexões, Herold Júnior (2009a; 2009b) faz um balanço e indica autores e tendências destas correntes de pensamento que discutem a questão do corpo no âmbito da Educação Física e nas ciências sociais e humanas.

Recebido em: 24/02/2016

Publicado em: 30/04/2017